



EDUCAÇÃO PARA A MORTE NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO DA PUC MINAS SÃO GABRIEL

Thais Cristina Fagundes dos Santos¹
Liza Fensterseifer²

RESUMO: O psicólogo depara-se com a temática da morte, seja diretamente ou indiretamente, em diversos campos nos quais atua, mas apesar deste cenário, os currículos de psicologia parecem não contemplar o tema da morte. A educação para a morte vai na contramão dessa negação, sendo uma proposta para fomentar a discussão e reflexão acerca do tema. O presente estudo buscou investigar como o tema da morte e do morrer está sendo tratado no curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel. Para que os objetivos propostos pudessem ser alcançados foi conduzida uma pesquisa qualitativa, que contou com a participação de cinco alunos do último ano de formação e professores da referida instituição, assim como, foi realizada também uma análise documental. Para a análise dos dados coletados foi utilizada a análise de conteúdo. Os resultados deste estudo revelaram que existem disciplinas e eventos que se dispõem a discutir o tema. No entanto, apesar deste achado, indicando uma reflexão acerca do tema na Universidade, observa-se que é um fenômeno ainda pontual, esporádico, que depende da disponibilidade e interesse do professor. Não se pode afirmar, portanto, que há efetivamente uma discussão profícua em relação à temática, de modo a preparar os futuros profissionais a lidar com este assunto. Este estudo revelou, ainda, a importância atribuída pelos alunos da discussão do tema no curso de psicologia e na Universidade como um todo, uma vez que este toca não apenas o aspecto técnico, profissional, mas também pessoal e subjetivo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação para a morte; Morte; Currículos de Psicologia.

1 INTRODUÇÃO

O homem nasce e morre. Este é o processo natural do ciclo vital. Inevitavelmente, independente do desejo de prolongamento da vida, a morte um dia chegará. Apesar deste fato óbvio e incontestável, na cultura ocidental atual a morte é um tabu, um assunto velado que causa estranhamento no homem, incômodo, medo, angústia conforme Ariès (1975/2003) demonstra. Esse tabu não é intrínseco ao tema da morte, mas sim uma construção social feita ao longo do tempo. Isso porque não é algo da ordem do biológico apenas, mas também da dimensão simbólica do homem. Trata-se de um fenômeno atrelado a diversos significados e valores que variam de acordo com o contexto sociocultural e histórico (ARIÈS, 1975/2003). Na Idade Média, a morte era tratada com naturalidade e todos conviviam com este fato inegável da condição humana. A partir do desenvolvimento industrial, assim como, o desenvolvimento da medicina da sociedade Ocidental, em meados do século XIX é que a morte lenta-

¹ Graduada em Psicologia pela PUC Minas – Unidade São Gabriel. Artigo fruto da Monografia apresentada no 1º semestre de 2015, como requisito parcial para conclusão de curso.

² Doutora em Psicologia pela PUC Rio Grande do Sul, professora da Faculdade de Psicologia da PUC Minas – Unidade São Gabriel e orientadora da monografia.

mente passou a ser vista como algo estranho à condição humana (COMBINATO, 2005). Ariès (1975/2003) descreve este momento como “a morte interdita”. Conforme o autor “a morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição” (ARIÈS, 1975/2003, p. 84).

Sendo assim, posto que na sociedade atual a existência da morte é cotidianamente negada, como pode o profissional da psicologia atuar com este tema? Indo de encontro ao que está colocado, “além de evitar o contato com a morte do outro, o profissional evita o contato com as suas próprias emoções em relação à (sua) morte e o (seu) morrer” (COMBINATO, 2005, p. 44). Entendendo que esta postura não é adequada para o bom desempenho do seu papel profissional, visto que seu objeto de trabalho é o homem, o psicólogo precisa estar capacitado, preparado para lidar com esta temática.

Neste contexto, a educação para a morte surge como uma tentativa de suprir a carência encontrada nos cursos de graduação de psicologia e outros cursos da área da saúde (medicina, enfermagem), ao propor um contato com a temática da morte pela via da educação formal. Além do estudo teórico do tema, foi conduzida uma pesquisa qualitativa, que contou com a participação de alunos do último ano de formação do curso de Psicologia da PUC Minas, Unidade São Gabriel. Foi realizada também uma análise documental, a fim de verificar se a temática da morte se fez presente em planos de ensino das disciplinas e em eventos ocorridos no curso, no período entre 2010 e 2014. Os dados obtidos foram correlacionados com a literatura, de modo a identificar a importância da problematização e reflexão desta temática na preparação dos profissionais, tentando responder à seguinte pergunta: como a discussão da morte está sendo tratada no curso de psicologia da PUC Minas São Gabriel e qual a importância atribuída pelos alunos e professores a essa temática?

1.1 O tema da morte: tabu?

A fim de entender como a morte se constitui nos dias atuais como um tabu, um assunto que não pode ser falado abertamente, é necessário recorrer a Ariès (1975/2013), que faz uma reconstrução da história da morte no Ocidente. Conforme o autor, ao longo da história da sociedade, a forma como a morte era tratada foi sendo modificada (ARIÈS, 1975/2003).

Na antiguidade a morte era domada. Os cavaleiros medievais eram avisados de sua morte e tinham plena consciência que iriam morrer. A morte por causas naturais era considerada uma exceção. De modo geral, as pessoas eram advertidas. Foi uma época de grande familiaridade com a morte, na qual o homem a aceita como um destino inevitável da natureza.

Na Idade Média algumas modificações acontecem, mas não abruptamente, de forma que a construção anterior não é interrompida ou esquecida. As mudanças ocorridas são graduais. Nessa época o indivíduo começa a aparecer em detrimento do coletivo.

De modo distinto da época anterior, em que houve um reconhecimento da morte de si próprio, entre os séculos XIX e XX, o homem se ocupa menos da sua própria morte e passa a exaltar a morte do outro, pela via da lembrança. A morte nesse momento é vista como uma ruptura, deixando, portanto, seu aspecto familiar dos momentos anteriores. Aparece também uma emoção exacerbada. A expressão dos que ficam é reflexo da não aceitação dessa ruptura. Os sobreviventes choram não só no leito, na sepultura ou nas lembranças evocadas, mas também a própria ideia da morte já os comove.

A partir do desenvolvimento industrial, a morte passa a ser um incômodo na sociedade, que prolifera imperativos de felicidade, sucesso e ambição. Sendo assim, a morte não se adequava a este novo padrão. As demonstrações de emoção excessiva, tristeza ou indícios de um processo de luto não são aceitos pela sociedade feliz. O sujeito vai morrendo aos poucos no hospital e “todas essas pequenas mortes silenciosas substituíram e apagaram a grande ação dramática da morte, e ninguém mais tem forças ou paciência de esperar durante semanas um momento que perdeu parte de seu sentido” (ARIÈS, 1975/2003, p. 86).

Combinato e Queiroz (2006), utilizando da teoria sócio-histórica, que tem como principal expoente o psicólogo Vygotsky, ressaltam a dimensão psicossocial da morte. Para os autores, ao se propor estudar a morte, é de extrema importância compreender a historicidade que perpassa esta temática e, para isso, destacam a forma com que, nesta abordagem teórica, entende-se o desenvolvimento psicológico do homem. Para que ocorra a apropriação da cultura e o desenvolvimento do pensamento e linguagem (funções psíquicas superiores) é necessário um aparato biológico, mas este apenas não é suficiente. São as interações e ações do indivíduo em seu meio que possibilitam seu desenvolvimento. Portanto, um conceito que antes era externo ao indivíduo passa a ser internalizado por este, em um constante processo de apropriação e reapropriação da cultura, adquirindo um sentido singular e pessoal. Dessa forma, a maneira com a qual os indivíduos concebem e lidam com a morte se diferencia conforme a cultura em que estão inseridos. A concepção sobre o que é a morte e o morrer adquirem sentido de algo natural, já dado pela natureza durante o processo de internalização, sendo que, na verdade, é algo construído historicamente.

Uma forma de identificar como a cultura influencia enormemente as concepções que o homem tem sobre a morte e o morrer é comparar a cultura Ocidental com a Oriental. Kovács (1992) faz este paralelo demonstrando o quanto é diferente o entendimento sobre o que é a

morte entre estas duas culturas. Conforme aponta a autora, se no Ocidente a morte deve ser escondida, significando fim, ruptura, fracasso, “na visão oriental, a morte surge fundamentalmente, como um estado de transição e principalmente de evolução, para o qual deve haver um preparo” (KOVÁCS, 1992, p. 46).

Dessa forma, percebe-se a partir dos autores discutidos aqui, a dimensão histórica, cultural, e social que perpassa o tema da morte, assunto este tão complexo e abrangente. Esta contextualização tem por intuito facilitar a discussão dos temas que serão abordados nos itens posteriores, em que se tratará de postulados teóricos que fundamentam a compreensão sobre a morte, na cultura ocidental.

1.2 Contribuições para a compreensão do tema da morte

Kübler-Ross, em seu livro “Sobre a morte e o morrer” (1969/1992), traz algumas considerações sobre a negação da morte em nossa sociedade. Segundo a autora, quando é feita uma reconstrução histórica sobre como o ser humano lidou com a morte na cultura ocidental e em momentos distintos, a percepção que se tem é que o ser humano sempre abominou a morte, repelindo a mesma de seu consciente.

O ser humano se defende psicologicamente de vários modos contra o medo da morte, advindo da incapacidade que o mesmo tem de prevê-la e de se proteger. É algo imprevisível e que inevitavelmente acontecerá. O inconsciente não concebe a própria morte e acredita por certo tempo, na imortalidade. Até se aceita a morte do outro, mas não se acolhe a própria condição mortal e finita. “As notícias do número dos que morrem nas guerras, nas batalhas e nas autoestradas só confirmam a crença inconsciente em nossa imortalidade, fazendo com que, no mais recôndito de nosso inconsciente, nos alegremos com um ‘ainda bem que não fui eu’” (KÜBLER-ROSS, 1969/1992, p. 26).

Não se deve associar a discussão sobre a morte apenas em situações de término da vida, pois desde o nascimento, diariamente, morre-se aos poucos. A vida é pautada de pequenas mortes cotidianas. As células morrem, sofre-se perdas de pessoas queridas, a própria transição de uma etapa do desenvolvimento para outra equivale a uma morte. Há rompimentos, conquistas de coisas novas e outras são deixadas para trás. Neste sentido, o desenvolvimento humano é marcado pela presença da morte (KOVÁCS, 1992).

Algumas teorias psicológicas oferecem importantes subsídios para a compreensão dos processos de luto, frente a uma perda, seja ela concreta ou não. Freud, em seu texto “Luto e Melancolia” (1917/2006), descreve o luto como sendo uma “reação à perda de uma pessoa

amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal, etc” (FREUD, 1917/2006, p. 128).

Freud (1917/2006) esclarece que na vivência do luto, o sujeito precisa retirar do objeto perdido a energia libidinal que estava ligada a ele, visto que concretamente o objeto não existe mais. No entanto, o enlutado se apega ao objeto mediante recordações e lembranças, em uma completa oposição à realidade. Como este processo é muito doloroso para o sujeito, pouco a pouco, a realidade prevalece e há um desligamento do objeto perdido. Assim, no luto, o mundo é percebido como vazio, sem sentido. No caso da melancolia, o próprio eu adquire essa conotação e o sujeito perde sua autoestima, referindo-se a si mesmo como incapaz e desprezível, dirigindo a si próprio, autocríticas severas.

É certo que as notícias retratadas na televisão e estampadas nos jornais, que trazem diariamente a morte de alguém, desconhecido ou famoso, geram desconforto, estranhamento, revolta, mas não impactam do mesmo modo que a morte de um ente querido, dos pais, de um amigo(a) próximo, do parceiro(a). A Teoria do Apego, descrita por John Bowlby, oferece importantes contribuições para a compreensão deste fato e, por isso, justifica-se que seja discutida brevemente aqui. Bowlby (1997), psiquiatra e psicanalista inglês, em sua Teoria do Apego ou da ligação, postula que existe no bebê uma necessidade inata de contato com outro ser humano. O apego refere-se a um tipo de vínculo no qual a criança associa a uma pessoa, geralmente os cuidadores, seu senso de segurança e proteção. Trata-se de um mecanismo básico e biologicamente determinado, tal como a necessidade de alimentação e a sexualidade. Estes modelos e padrões de apego são adquiridos ao longo dos três primeiros anos, mas especialmente no primeiro ano de vida da criança, e indicam a forma com que ela acredita que o mundo e as pessoas significativas para ela se comportarão, em relação à segurança e confiança que irão lhe oferecer. Estas representações que a criança cria, ligadas ao apego, acabam constituindo um modelo interno de funcionamento, que é o alicerce a partir do qual o indivíduo estabelecerá suas relações com novas figuras de apego, tais como parceiros, círculo de amizades, e até a imagem que tem de si próprio.

A partir destas breves considerações a respeito da Teoria do Apego, vale ressaltar que sua importância e relevância para a compreensão dos processos de luto reside na ideia de que as reações das pessoas ante a uma perda, ou seja, quando ocorre uma ruptura com uma figura de afeto, a forma com que esta situação é vivida e enfrentada tem uma relação direta com os vínculos de apego que existiam entre elas. Desse modo, a compreensão dos recursos que uma pessoa tem para lidar com o tema da morte e da perda está diretamente relacionada aos postu-

lados da Teoria do Apego: o vínculo criado com as figuras de apego oferecem “pistas” para a forma com que o sujeito lidará com experiências futuras de separação.

A compreensão e o acesso a estas bases teóricas que sustentam uma parte da discussão sobre a morte, permitem ao profissional da saúde uma atuação mais orientada teórica e tecnicamente. Neste sentido, no tópico seguinte será discutida a proposta de educação para a morte, permeada justamente pela importância (urgente) de apropriação destas teorias por parte do psicólogo em sua formação acadêmica.

1.3 O psicólogo e a morte: educação para a morte

Educação para a morte é um termo utilizado por Kovács (2008), que propõe um contínuo desenvolvimento do homem, a partir da educação. Não se trata de uma receita padronizada, mas uma forma de suscitar reflexões que provoquem o homem a refletir sobre a morte e a consequência desta para a vida.

Kovács (2008) afirma que a proposta de educação para a morte fundamenta-se “pela importância da discussão do tema numa sociedade na qual convivem a morte interdita, a busca da reumanização da morte e a morte escancarada no cotidiano das pessoas”. (KOVÁCS, 2008, p. 194). A educação para a morte é sugerida principalmente para profissionais da saúde, em especial o psicólogo. Se na sociedade a morte é, com alguma frequência, afastada da comunicação das pessoas, como uma interdição, o mesmo não pode ocorrer com os profissionais que atuam no âmbito da saúde.

Kovács (2012) coloca a seguinte pergunta como norteadora do seu trabalho: por que a discussão sobre o tema da morte é importante na formação do psicólogo? Para ela, dois pontos fundamentais respondem a esta indagação. O primeiro é o fato de que a vida traz a morte consigo; a morte está posta desde o nascimento de uma pessoa. O segundo é a ideia de que, como profissional da saúde, o psicólogo depara-se com este tema no seu cotidiano, ao lado de outros profissionais, tais como médicos e enfermeiros. Mas, para além desta situação específica, o psicólogo pode se deparar com a morte em diversos contextos, tais como em escolas, organizações, clínicas e, atualmente, mais expressivo que em outras épocas, o psicólogo é convidado a atuar em situações de emergências e catástrofes, nas quais não é possível escapar dessa discussão (KOVÁCS, 2012).

A autora citada tece considerações acerca do que é entendido como uma preparação, o que deixa claro os objetivos que a educação para a morte se propõe a cumprir. Só se pode responder se é possível uma preparação que possibilite ao psicólogo maior manejo profissio-

nal durante sua prática, quando se entende por preparação um maior contato com o assunto, de forma que seja possível uma abertura para o posicionamento do aluno frente aquele tema. Neste sentido, a educação para a morte pode auxiliar o aluno a estar mais preparado, mais capacitado para lidar em seu cotidiano com o assunto. Mas, se por outro lado, a educação para a morte for entendida como um espaço para que o sujeito possa obter respostas, regras e receitas prontas sobre o assunto para que fique mais preparado, neste caso, a proposta não irá se cumprir (KOVÁCS, 2008)

2 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, que conforme Godoy (1995), não tem por objetivo medir ou enumerar os eventos, nem se utiliza de instrumental estatístico para analisar os dados obtidos. Os dados coletados são de ordem descritiva “sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo” (GODOY, 1995, p. 58).

A pesquisa foi feita com cinco alunos do último ano do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, unidade São Gabriel. A escolha por alunos de fim de curso deve-se ao fato destes já terem cursado praticamente todas as disciplinas oferecidas pelo curso, incluindo os estágios obrigatórios, tendo, supostamente, uma visão mais abrangente do currículo oferecido. Inicialmente, de posse da lista de alunos matriculados no nono e décimo períodos da manhã e noite, foram sorteados aleatoriamente seis nomes. Para estes, um e-mail foi enviado, convidando-os para a participação na pesquisa. No entanto, não houve retorno positivo. Novamente foram sorteados novos alunos. Nesta segunda tentativa, uma aluna se disponibilizou a participar, concedendo uma entrevista. Para os demais participantes, optou-se por escolhê-los a partir da rede de contatos da pesquisadora. Segue abaixo quadro com informações sobre os participantes das entrevistas:

Quadro 1: Caracterização dos participantes das entrevistas.

Identificação	Sexo	Idade	Período	Turno
Aluno 1	Masculino	28	9º	Noite
Aluno 2	Masculino	41	10º	Noite
Aluno 3	Feminino	23	10º	Manhã
Aluno 4	Feminino	25	10º	Noite
Aluno 5	Feminino	27	10º	Manhã

Fonte: elaborado pelas autoras.

Para a coleta dos dados junto aos alunos foi utilizada a entrevista semiestruturada, a partir de um roteiro com 13 perguntas, a partir do qual o aluno era levado a refletir sobre sua perspectiva a respeito da morte e sobre este assunto no meio acadêmico. Neste tipo de entrevista há um “roteiro preliminar de perguntas, que se molda à situação concreta de entrevista, já que o entrevistador tem liberdade de acrescentar novas perguntas a esse roteiro, com o objetivo de aprofundar e clarificar pontos que ele considere relevantes aos objetivos do estudo” (MOURA; FERREIRA; PAINE, 1998, p. 78). As entrevistas foram agendadas conforme disponibilidade dos participantes e gravadas em material de áudio, conforme autorização dos mesmos. Posteriormente elas foram transcritas, para possibilitar sua análise.

A fim de identificar quais professores discutem a temática da morte e morrer foi enviado um e-mail a todos os professores do curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel, solicitando que relatassem se ao longo de sua atuação como docente do curso, em algum momento, no desempenho de suas atividades, o tema da morte e do morrer foi abordado. Em caso positivo, foi solicitado que descrevessem a experiência e a modalidade da proposta: estágio, projeto de pesquisa ou de extensão, atividade em evento do curso, dentre outros. Ao todo foram enviados 56 e-mails, sendo que foram recebidas 26 respostas.

Foram analisadas, também, as ementas das disciplinas que compõem o atual currículo do curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel, além da programação do principal evento do curso denominado Encontro Integrado de Psicologia, ocorridos entre os anos de 2010 e 2014, conduzindo-se, então, uma análise documental. Godoy (1995) destaca que os documentos normalmente são considerados importantes fontes de dados, subsidiárias a outros tipos de estudos qualitativos, tal qual foi feito no presente estudo.

Para a análise dos dados coletados foi utilizada a análise de conteúdo. De acordo com Moura e outros (1998), este procedimento “procura encontrar padrões ou regularidades nos dados e, posteriormente, alocá-los dentro desses padrões, através do exame de porções do texto. São criados rótulos ou categorias que em seguida são aplicados às partes do texto que a eles associam” (MOURA; FERREIRA; PAINE, 1998, p. 91).

No que diz respeito às considerações éticas necessárias às pesquisas com seres humanos, todos os participantes receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual constam informações sobre a natureza e os objetivos deste estudo. Aos alunos foi garantido o anonimato.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente estudo contou com três fontes de dados para subsidiar a discussão aqui proposta. Para melhor visualização e conseqüente compreensão dos resultados, optou-se por apresentá-los a partir do tipo de dado coletado, no caso, documentos e entrevistas. A ordem da exposição destes elementos se deu pelo grau de complexidade, no sentido crescente, sendo: análise das ementas e dos planos de ensino das disciplinas do curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel; análise da programação de eventos do curso; análise do retorno dos professores; análise das entrevistas com alunos do curso.

Foram analisados os planos de ensino de 58 disciplinas que constam na grade curricular do curso de psicologia da PUC São Gabriel, excluindo os estágios. A análise dos campos de estágios não seria possível, uma vez que a escolha pela ampla gama de opções ofertadas é de acordo com o interesse, afinidade e disponibilidade dos alunos. Quanto à escolha pela análise das ementas das disciplinas, o objetivo era identificar se a temática da morte e do morrer se faziam presentes, a fim de ter mais elementos que facilitassem a compreensão de como tem se dado a discussão do tema no curso. Ao todo foram encontradas dez disciplinas cujo tema da morte aparece nas ementas e objetivos do plano de ensino, seja de modo explícito ou implícito. Com estes dados, verifica-se que a discussão do tema da morte e sua relação com o trabalho do psicólogo estão previstas no currículo do curso de Psicologia da PUC Minas, unidade São Gabriel, ainda que, em algumas disciplinas, não de modo específico.

Para ampliar a discussão aqui proposta, foram analisadas, também, as programações do evento realizado anualmente no curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel, denominado Encontro Integrado de Psicologia. Certamente outros pequenos eventos e atividades são promovidos pelo curso, mas não foram alvo desta análise, que se concentrou apenas neste grande evento, que faz parte da história e cultura do curso. Procurou-se identificar de que maneira a morte aparece, também, nessa outra possibilidade de discussão de temas e assuntos relacionados à formação de psicólogos, conforme previsto e indicado no projeto pedagógico do curso.

Foram analisadas as programações dos Encontros Integrados de Psicologia ocorridos no período de 2010 a 2014. Considerando cada atividade dentro do evento anual como uma unidade, observou-se que no período indicado o curso de Psicologia promoveu 285 atividades diferentes, distribuídas nos turnos da manhã, tarde e noite, em modalidades distintas, tais como: rodas de conversa, cinema comentado, palestras, mesas-redondas, *workshops*, minicursos. Este achado evidencia o investimento do curso em espaços que vão para além da sala de

aula e promovem reflexões, articulação de saberes e discussões.

Do total de atividades, algumas delas abordaram questões relativas à temática da morte e do morrer. Para proceder a esta identificação, foram relacionadas algumas palavras como unidades de análise, que segundo Moraes (1999, p. 13), são “palavras frases, temas ou mesmo os documentos em sua forma integral. [...] Toda categorização ou classificação, necessita definir o elemento ou indivíduo unitário a ser classificado”. Aqui, as palavras utilizadas com este fim foram: morte, perda, hospital, luto, dor, sofrimento, morrer, suicídio.

Desse modo, a partir da busca pelas unidades de análise, foram encontradas nove atividades durante os anos de 2010 a 2014, que abordaram a temática da morte, totalizando 3% do total de atividades promovidas pelo curso. Verifica-se que desde 2010, quando não houve qualquer atividade relacionada ao tema, há paulatinamente uma inserção da discussão nos eventos promovidos pelo curso de Psicologia. A partir dos dados encontrados, pode-se afirmar que existem eventos direcionados ao tema, fomentando, ainda que de forma tímida e pouco expressiva, a reflexão sobre a morte no trabalho do psicólogo. Conforme aponta Kovács (2012), em espaços para fora da sala de aula pode ocorrer uma preparação para lidar com este assunto, sendo entendida como uma abertura para conseguir lidar com a morte e seus desdobramentos de forma menos ansiogênica e mais adequada. Atividades como estas promovidas pelo curso são, portanto, um rico espaço para colocar em pauta a proposta da educação para a morte, entendida, como mencionado anteriormente, como algo mais amplo, não restrito à criação de disciplinas específicas para apresentação e discussão da temática da morte, sendo essa apenas uma das opções para estimular tal fato.

Considerando as 26 respostas obtidas como retorno de e-mail enviado a todos os professores do curso, a fim de identificar quais deles discutem a temática da morte e do morrer em suas disciplinas ou em outros encargos didáticos e atividades acadêmicas, 16 professores afirmaram que a discussão sobre a morte é feita diretamente ou indiretamente durante a execução de suas atividades. A discussão do tema especificamente dentro das disciplinas, mesmo que às vezes de forma pontual e esporádica, é feita por 11 professores. Apenas uma professora afirmou que propõe atividades variadas relacionadas ao tema (aulas integradas, mesas redondas, cinemas comentados, dentre outros). Em relação a orientações, 8 professores afirmaram que o tema apareceu como proposta de monografia de alunos.

Apesar de não ter podido contar com o retorno de todo o corpo docente, considerando as respostas obtidas, que totalizam 46% do total de professores, percebe-se que não há uma discussão institucionalizada acerca do tema, sendo este tratado de forma eventual, dependendo da demanda da turma e das situações e oportunidades de cada semestre letivo. Os termos

“eventualmente”, “o mais próximo”, “discute-se um pouco”, “não é algo que aconteça com frequência”, “apenas comento”, “não é abordado diretamente”, foram frequentemente utilizados nas respostas recebidas dos professores. Apenas duas respostas indicaram uma discussão efetiva e recorrente nas disciplinas ministradas.

Estes dados tornaram-se fontes de informação preciosas para análise das entrevistas, juntamente com a literatura sobre o assunto. Após leitura cuidadosa e atenta do material produzido pelas entrevistas, foram encontradas no discurso dos alunos três categorias finais de análise, sendo elas, as concepções que os mesmos apresentam acerca da morte, a percepção sobre a discussão do tema no curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel e sua importância para a formação do psicólogo, e as estratégias para fomentar essa discussão. As categorias encontradas corroboram com os objetivos propostos pela presente pesquisa.

A forma como o profissional representa o que é a morte dá pistas de como ele lida e/ou lidará com essa temática em sua atuação. Um profissional que encara a morte com medo, sente grande ansiedade ao falar sobre o assunto ou a nega, dificilmente conseguirá auxiliar de modo adequado alguém que venha até ele com essa demanda. Conforme Kovács (2012), palavras são usadas para simbolizar isso que é desconhecido, uma vez que a morte é sempre a morte do outro, já que ninguém pode falar de morte já tendo passado por ela. Em função disso, julgou-se pertinente saber que palavras, concepções ou ideias os alunos do curso atribuem à morte. Os cinco entrevistados apontaram concepções distintas sobre o tema, alguns recorrendo à religião para embasar suas respostas, outros a outras ideias.

Ressalta-se a palavra “perda” usada pela aluna 4. Para Kovács (2012, p. 90), “a morte como perda é vivenciada conscientemente e, por isso, muitas vezes, é mais temida do que a própria morte”. Quando questionada sobre como se sente ao falar sobre o tema, revela:

Eu acho que por ser psicóloga, agora eu me sinto mais à vontade para falar sobre isso, mas, com um apertinho por dentro. Eu não gosto de ir em velórios, por exemplo, que eu acho assim, eu gosto de ficar com a imagem da pessoa sorrindo, vivendo ali comigo, compartilhando os momentos, sabe. Porque ali no velório para mim tá o corpo, né. Para mim aquela essência, aquilo que ela vivenciou comigo já não tá mais aqui entre nós. Então, é um momento triste para mim. (Aluna 4).

Mesmo quem ainda não perdeu nenhuma figura de apego, só de pensar em tal possibilidade, sente grande ansiedade e medo. Esta aluna também revela em sua fala uma negação da morte, mencionando a dificuldade que tem em tratar do assunto. Àries (1975/2003), auxilia na compreensão da sua fala, ao afirmar que “tecnicamente, admitimos que podemos morrer, fazemos seguro de vida para preservar os nossos da miséria. Mas, realmente, no fundo de nós mesmos, sentimo-nos não mortais” (ÀRIES, 1975/2003, p. 100). A morte é posta como um

momento triste, que não deve ser vivenciado, pois fere o princípio de felicidade, imposto pela sociedade capitalista.

Além da preparação profissional, o que envolve a instrumentalização do psicólogo, a partir de conhecimentos científicos sobre o assunto, para lidar com demandas envolvendo o tema, o mesmo precisa ter essa questão bem elaborada consigo mesmo, refletindo sobre sua posição acerca do assunto, a fim de que isso não interfira na sua atuação, uma vez que o seu objeto de trabalho é o homem. Como Kovács (2012) afirma “se a morte está presente na vida das pessoas em várias fases da existência, também o será para o jovem psicólogo, que precisa conhecer suas reações e sentimentos frente à morte e se cuidar neste aspecto” (KOVÁCS, 2012, p. 95).

Os dados encontrados nessa pesquisa revelam que, tal como aponta a literatura direcionada para a área, é urgente que os currículos de psicologia direcionem uma atenção maior para o tema, uma vez que é notória a resistência por parte dos futuros profissionais em discutir, refletir sobre este tema, não apenas para sua atuação, mas também em uma perspectiva pessoal. Dessa forma, um dos objetivos deste estudo, que era identificar concepções e percepções que alunos do curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel têm sobre a morte foi alcançado.

Outro objetivo deste estudo era verificar se o curso de psicologia da PUC Minas São Gabriel tem garantido a presença de discussões sobre a morte, na formação que oferece aos alunos, investigando em que medida os alunos perceberam, ao longo de sua graduação, como o tema da morte foi contemplado. Foi possível observar que, para os alunos entrevistados, durante os cinco anos de graduação, pouco é visto acerca do tema da morte, revelando certa lacuna no percurso formativo dos futuros profissionais. Alguns dos participantes apontam que discussões sobre esta temática são feitas pontualmente em algumas disciplinas, estágios e eventos, mas não como algo instituído e sistemático. Estes achados ficam claramente explicitados na fala dos alunos entrevistados.

Aqui na PUC, que eu lembre, a única vez que foi discutida, que eu li sobre a morte, que discuti sobre isso em grupo, em sala, foi na aula da professora Mirelle. (Aluno 1).

Não, a primeira vez que dentro da Universidade eu ouvi falar sobre a temática da morte de uma forma mais contundente foi através da minha procura e através da professora Luciana Kind. (Aluno 2).

Então, eu acho que foi mais agora, né, essa disciplina no último período, optativa, que era para discutir sobre isso mesmo. E teve uma ou duas aulas, assim, de saúde,

psicologia e saúde, que a Luciana Kind abordou um pouco, porque ela também trabalha muito nessa área, essa questão da morte. E eu vi um evento da Semana de Ciência Arte e Política, e que a Luciana também estava na mesa, que passou um documentário. (Aluno 3).

É, alguns professores relataram. Igual o Kaitel, algumas situações clínicas, a Mirelle também. [...] O professor Jorge, porque ele, ao falar da questão ética e do bem-estar geral da humanidade, a gente tratou muito do... a gente acabou trazendo temas referentes à morte, e aí que ajudou a pensar mais. (Aluno 4).

Mas durante o meu período nunca, nunca tive nenhuma disciplina que abordasse este tema. Nunca participei de nenhum evento. Eu já vi que aqui na PUC algumas vezes teve, há uns dois anos, eles pregaram cartazes de algum evento que teria relacionado à morte. (Aluno 5).

Com relação à resposta do aluno 3, que afirma que o tema foi discutido com profundidade em uma disciplina de caráter optativo exclusiva sobre a morte, onde teve a oportunidade de ter contato com a bibliografia relacionada à temática. Essa entrevistada foi à única que participou da disciplina Psicologia e Processos de Luto ofertada no 2º semestre/2014, no turno da manhã, em caráter optativo. Revela a partir de suas respostas a riqueza de vivência proporcionada por essa experiência. Não se pode generalizar, portanto sua resposta, uma vez que a disciplina não era obrigatória, exclusiva para apenas um turno e não mais ofertada para os alunos.

Posto isso, apesar dessa interdição da morte na sociedade ocidental, para os alunos entrevistados essa discussão é essencial para a formação do psicólogo, uma vez que este assunto pode aparecer em qualquer área de atuação que este profissional ocupar, ideia também defendida por autores e pesquisadores do assunto, tais como Combinato (2005; 2006), Kovács (1992; 2004; 2005; 2008; 2012), Kübler-Ross (1992). A fala do aluno 1 explicita esta questão:

Além da gente é... sofrer com essa situação, a gente não vai contribuir de forma qualificada para os outros passarem da melhor forma possível por esses...por essas perdas, por esse processo de morrer e de perder alguém, né, por isso que eu acho importante. E às vezes a gente tá ali para tratar uma coisa, ou então para abordar uma questão e a pessoa traz o assunto da morte. E aí? Ah, eu não eu to aqui só para falar disso, deixa a morte para outra pessoa. Ou então, vou te encaminhar para um psicólogo clínico. Eu acho que não é bem assim, né? (Aluno 1).

Este aluno evidencia o quanto a preparação do profissional para lidar com este assunto, que pode aparecer em qualquer contexto, é essencial para uma atuação adequada. Além disso, é um tema que não toca apenas a vertente teórica e técnica da formação, mas também exige um posicionamento do psicólogo, seu próprio processo de elaboração frente a suas perdas. Autores como Combinato e Queiroz (2006) sustentam a afirmação de que o estudo da

morte não se diz apenas ao aspecto teórico, mas que vai para além disso.

Quando os alunos foram questionados se acreditam que estão preparados para atuar futuramente de forma qualificada quando o assunto da morte e das perdas aparecer, apenas dois indicaram que se sentem preparados teoricamente e emocionalmente para lidar com o tema, quando este surgir na prática profissional (Alunos 2 e 3). Outros dois, alunos 1 e 4, sentem-se preparados em parte, considerando essa preparação mais em um sentido pessoal do que propriamente profissional, já que não há apenas um aparato teórico que possibilite tal preparação, conforme eles apontam. Já o aluno 5, afirma categoricamente que não se sente preparado. Estes resultados indicam mais uma vez a importância da discussão deste tema para a e na formação profissional do psicólogo.

Percebe-se na fala dos alunos uma confusão entre preparação teórica e técnica, e preparação pessoal. Um aluno em específico afirma que em função de sua experiência profissional como técnico em um hospital, acredita possuir alguma preparação para lidar com a questão, já que teve e tem bastante contato com a morte. Além disso, ele relata que perdeu pessoas próximas e significativas, e que entende que elaborou estas perdas adequadamente. No entanto, percebe-se, a partir de suas respostas, que não há efetivamente uma preparação teórica que o instrumentalize para atuar em situações de morte, como psicólogo, de uma forma científica e técnica, e não pautado no senso comum.

Frente à constatação dessa lacuna, os alunos apontaram algumas propostas para ampliar a discussão sobre a morte e o morrer no curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel, uma vez que reconhecem a importância da mesma para a formação do psicólogo. Três alunos acreditam que este tema deveria ser inserido e discutido com mais ênfase dentro de disciplinas que já existem, tais como as de psicanálise, desenvolvimento humano, os Seminários Temáticos, além de mais eventos e atividades em relação ao tema. Outros dois já defendem a criação de uma disciplina exclusiva, na qual o tema seria tratado a partir de vários aspectos e por teorias distintas.

Seguem algumas falas que retratam estas propostas:

Um estudo contemporâneo separado mesmo, uma cadeira mesmo, estudo sobre a morte, temática da morte e aí estudar com base em várias teorias, que prepare o aluno para lidar com isso em sua clínica, em todos os segmentos a morte atravessa em todos estes aspectos, em todo o fazer psicológico. (Aluno 2).

Eu acho que essa disciplina optativa deveria ser obrigatória no currículo e deveria ter mesmo mais eventos, mais palestras sobre essa temática e acho que até dentro de outras disciplinas, igual nessa área clínica, né. Eu acho que é importante essa educação, no sentido da gente começar a refletir sobre isso, falar sobre isso. É lógico que

não é ficar focando nisso o tempo todo, mas saber que é algo que tá aí presente, e tentar proporcionar mesmo palestras, workshops. Igual, eu gosto muito de filmes, documentários, acho que isso ajuda muito a pensar. E passar relacionando mesmo né, com essas questões ligadas à morte. (Aluno 3).

A fala do aluno 1 retrata bem a importância dos estudos sobre a morte, especialmente para o psicólogo em formação. Para ele, a morte é uma educadora, afirmando que “a morte, de certa forma, tem que nos lembrar que a gente precisa viver melhor e por isso que é importante a gente aprender com a morte mesmo, de ver a morte como uma educadora mesmo” (aluno 1). Esta ideia vai de encontro ao que Kovács (1992) afirma, de que devemos “falar de morte enquanto há vida, este é o lugar da psicologia no seu estudo do homem” (KOVÁCS, 1992, p. 9). Compreender o que a morte e a consciência da nossa própria morte, indo na contramão do que a sociedade capitalista postula, permite ao profissional da psicologia lidar com este outro que sofre, que está próximo da sua morte, que perdeu alguém querido, que passa pelo processo de luto, sem que suas próprias questões interfiram na sua atuação. Daí a relevância da discussão proposta por este estudo.

Considerando as propostas sugeridas pelos participantes, observa-se que todas são válidas e, cada uma, a seu modo, certamente proporcionaria uma ampliação da discussão do tema da morte no curso, o que diante do cenário atual, representaria um grande movimento. Ainda que não seja necessariamente apenas através de uma disciplina que o tema possa se fazer presente no percurso formativo dos alunos, importante salientar que a proposta de educação para morte, defendida pela professora Kovács (2012), baseia-se na criação de uma disciplina específica, seja optativa ou obrigatória, ofertada para a discussão do tema, visto sua complexidade e abrangência. Incluir o tema dentro de outra disciplina, segundo esta autora, não proporcionaria ao aluno a possibilidade de integrar os aspectos teóricos, técnicos e pessoais que o tema suscita, de modo a adquirir um aprendizado experiencial.

Entende-se, aqui, que assim como outros temas caros e importantes à formação do psicólogo que acabam não sendo contemplados no currículo formal do curso, o mesmo acontece com discussões sobre a morte e o morrer. Logo, se disciplinas não puderem abarcar tais temáticas, o que se propõe é que o curso esteja atento para a promoção de outros espaços para isso, tais como cursos, eventos, rodas de conversa, cinema comentado, enfim, qualquer atividade que trate do assunto de forma mais aprofundada, não apenas em seu aspecto teórico, como já apontado anteriormente, mas também em seu caráter pessoal, já que como destaca Kovács (2012), não há como falar de morte sem envolver os aspectos cognitivo e afetivo. No caso do curso do São Gabriel, os resultados apresentados anteriormente evidenciam que um movimen-

to crescente tem sido feito, de modo a colocar o tema da morte em pauta. Mas, não há dúvidas de que isso pode ser ainda mais fomentado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo identificar de que forma a temática da morte é abordada no curso de Psicologia da PUC Minas, Unidade São Gabriel. Para tanto, contou com a participação de alunos e professores, além de documentos, que ampliaram e enriqueceram a argumentação aqui defendida. Partiu-se do pressuposto de que a morte é da ordem do inevitável, que perpassa a vida de todos, sem discriminação. No entanto, apesar deste fato óbvio e incontestável, na sociedade ocidental não há lugar para falar disso, já que é algo que amedronta, provoca ansiedade e medo. Por isso, ela deve ser escondida, interdita, vivida como um tabu, pairando sob a sociedade uma falsa sensação de imortalidade, não havendo espaço ou tempo para pensar ou falar de morte. Mas, ao mesmo tempo, de forma contraditória, a morte velada convive lado a lado com a morte escancarada, aquela que diariamente invade as residências das pessoas em televisões e jornais, noticiando crimes bárbaros, que ainda assim, não trazem consciência sobre a finitude da existência de todo ser humano. Ao contrário, este tipo de vivência da morte acarreta um entorpecimento, no qual a sensibilidade vai aos poucos se perdendo, em uma banalidade da vida cotidiana.

A educação para morte, neste cenário, surge justamente como uma proposta que visa favorecer a criação de espaços em que a morte possa ser falada e refletida, proporcionando um aprendizado para a vida, já que ela é parte essencial da vida. Esta discussão parece ainda mais relevante em campos e exercícios profissionais em que o contato com a morte é parte inerente do trabalho, caso de psicólogos e outros profissionais da saúde. Daí o foco deste estudo, que teve a formação em psicologia como ponto de interesse, especialmente porque estes profissionais podem se deparar com a morte e com os processos vinculados a ela em diferentes campos de atuação.

O primeiro objetivo deste estudo consistia em identificar concepções e percepções que alunos do curso de psicologia da PUC Minas têm sobre a morte, revelando a dimensão pessoal e subjetiva que este tema provoca ao ser estudado. Foi encontrada uma pluralidade de concepções, algumas apontando, inclusive, para uma negação e grande ansiedade ao lidar com o tema. Certamente essas concepções podem impactar a atuação do profissional, que pode ter dificuldades e resistência para enfrentar questões relacionados à temática da morte, que podem aparecer em áreas distintas, tais como na organizacional, escolar, hospitalar, dentre ou-

tras. Isso aponta para o fato de que independente da área de atuação, alguma instrumentalização para lidar de modo profissional com a questão é sim necessária.

Averiguou-se, também, como os professores do curso tratam do tema da morte em suas disciplinas e em outros encargos didáticos (pesquisa e extensão), e se o curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel tem garantido a presença de discussões sobre a morte, na formação que dá aos alunos. A partir das entrevistas e documentos analisados, verifica-se que existem sim disciplinas e eventos que se dispõem a discutir o tema. No total foram encontradas dez disciplinas que têm prevista a discussão da morte em suas ementas. Entretanto, por razões que não foram alcançadas por este estudo, apenas em duas a temática entra no plano de trabalho executado semestralmente pelo professor. Em relação aos eventos, ocorreram nove durante o período analisado (2010 a 2014). Apesar destes achados, indicando uma reflexão acerca do tema na Universidade, observa-se que ainda é um fenômeno pontual, esporádico, que depende da disponibilidade e interesse do professor. Não se pode afirmar, portanto, que há efetivamente uma discussão profícua em relação à temática, de modo a preparar os futuros profissionais a lidar com este assunto. Neste sentido, os resultados alcançados foram de encontro com o que a literatura revisada neste estudo aponta, em especial, a autora brasileira Maria Júlia Kovács (1992; 2004; 2005; 2008; 2012), referência neste tema e muito utilizada para embasar os argumentos defendidos nesse trabalho, que afirma que os currículos dos cursos de psicologia, tal como a sociedade, parecem negar a morte, classificando-a como um tabu.

Os alunos foram unânimes em reconhecer a importância que o estudo do tema tem para uma melhor preparação técnica, teórica e pessoal. Diante da percepção dos próprios alunos da escassa discussão dentro do curso, eles foram convocados a sugerirem possibilidades atuais e futuras de fomentar a educação para a morte no curso, sendo este outro objetivo proposto no presente estudo. Os entrevistados indicaram a criação de disciplinas, o aumento na quantidade de eventos e atividades direcionados a este tema e sua inclusão em disciplinas já existentes. Todas as propostas parecem ser possíveis de se concretizar, assim como parecem válidas dentro da perspectiva do que uma proposta de educação para a morte deseja alcançar. Destaca-se, novamente, que a educação para a morte não se refere à obrigatoriedade de criação de uma disciplina específica para tratar do tema, mas sim a possibilidade de reflexão e discussão ativa deste tema dentro dos cursos de psicologia e da Universidade como um todo.

Vale reiterar que os achados neste estudo não refletem a realidade específica apenas da instituição pesquisada, mas são o reflexo de uma construção social e cultural, que, de certo modo, baniram a morte da vida, isolando-a, afastando-a da vivência de cada e de todo ser humano. Acredita-se que o início de uma mudança em relação a isso seria se os currículos dos

curso de graduação em psicologia, aos poucos, introduzissem discussões mais sólidas sobre a morte e o morrer, dada a notória importância desta discussão para o psicólogo.

Finalizada a retomada dos objetivos propostos e alcançados nesta pesquisa, não se pode desconsiderar as limitações que o atravessaram. Diante da abrangência do tema, seria impossível esgotá-lo neste trabalho. A educação para a morte exige, inclusive, uma maior publicação de trabalhos relacionados à temática, a fim de fomentar uma reflexão e sensibilização em torno do assunto. Neste aspecto, este trabalho contribuiu aumentando a visibilidade deste tema dentro da Universidade. Alguns dos alunos entrevistados nunca haviam ouvido falar sobre educação para a morte, revelando certa estranheza quando questionados sobre o termo. Além disso, compreende-se que uma abordagem direta ao professor, através de entrevista, seria muito mais proveitosa e rica. No entanto, devido a circunstâncias diversas, para este estudo, isso não foi possível.

Com essas palavras finais, destaca-se que os achados encontrados nessa pesquisa contribuíram não apenas para ampliar a produção de conhecimento relacionado à área, notadamente ainda tímida na Psicologia, como também pode ser um impulso para que se produzam novas pesquisas e se proponha, inclusive, o planejamento e execução de um projeto que insira efetivamente a educação para a morte na Universidade.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Phillipe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. 312p.

BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 232 p.

COMBINATO, D. S. (2005). **Concepção de morte e atuação de profissionais da saúde em unidade de terapia intensiva: implicações educacionais**. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 209-216, 2006.

Curriculo 8506: Informações sobre o projeto pedagógico do curso de psicologia. Disponível em: <http://www.saogabriel.pucminas.br/psicologia/?page_id=21>. Acesso em: 01 de fev. 2015.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. **História do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v.14: Rio de Janeiro: Imago, 2006. 396 p.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista administração empresas**. [online]. 1995, v. 35, n. 3, p. 20-29, 2005. Disponível em: <http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/disciplinas/392_pesquisa_qualitativa_godoy2.pdf>. Acesso em: 01 de fev. 2015.

KOVÁCS, Maria Júlia. Educação para a morte. **Psicologia: ciência e profissão**. Brasília, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. 99 p.

KOVÁCS, Maria Júlia. Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. In: KOVÁCS, Maria Júlia (Coord.). **Morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. 222 p

KOVÁCS, Maria Júlia. Notícia: Wilma da Costa Torres (1934-2004): pioneira da Tanatologia no Brasil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 95-96, 2004.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP, 2012. 232 p.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo, Martins Fontes, 1992. 290 p.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOURA, Maria Lucia Seidl de; FERREIRA, Maria Cristina; PAINE, Patrícia Ann. **Manual de elaboração de projetos de pesquisa**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. 132p.